



Trajatória do jornal *O Sertão* na imprensa de Petrolina-Pe¹

Juliano Ferreira do CARMO²

Andrea Cristiana SANTOS³

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

RESUMO

Este artigo faz uma análise do jornal *O Sertão*, caracterizando os critérios de noticiabilidade, linguagem, posicionamento político e editorial. O jornal circulou em Petrolina – PE, de 1949 a 1972; e na década de 1980, particularmente no ano de 1985. Para este estudo, foi escolhido um corpus de análise composto por 29 edições que circularam de fevereiro a dezembro de 1985. No contexto nacional, o país assistia a posse de um presidente civil eleito pelo Colégio Eleitoral, após 21 anos de ditadura militar, e o jornal participará do debate sobre a redemocratização, o nascimento da Nova República e a retomada da Assembleia Constituinte. Comprovou-se que o periódico abordou o novo contexto político nos espaços informativos e nos artigos de opinião, fomentando o debate na esfera pública sobre o destino do país.

PALAVRAS-CHAVE: História da Imprensa; Jornalismo Impresso; Imprensa Regional; Nova República.

O jornalismo, enquanto documento histórico, pode ser considerado uma construção perene da memória de seu tempo. Os jornais reconstroem os fatos de forma relativamente autêntica e promovem a socialização de informações relevantes para o público sobre experiências do tempo presente, sendo, posteriormente, um lugar de memória, no qual observamos como os acontecimentos foram construídos e os significados que as pessoas atribuíram aos fatos vividos.

Diante da importância da imprensa, este artigo tem o objetivo de mapear aspectos da trajetória da imprensa em Petrolina-Pe, desde o primeiro periódico em 1897 aos dias atuais. O corpus de análise é o jornal *O Sertão*, lançado por Cid Carvalho, em 11 de dezembro de 1949 e relançado, posteriormente em 1985, por Luciano Barbosa.

Para fazer o estudo, foram selecionadas 29 edições disponíveis do jornal em sua segunda fase, os quais foram utilizados para analisar as características editoriais do jornal, os critérios de noticiabilidade e abordagem sobre o contexto político do país,

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da UNEB, email: julianoferreiracarmo@live.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da UNEB, email: andcsantos@uneb.br



especificamente o processo de redemocratização após 21 anos de ditadura, a Nova República⁴ e a Assembleia Constituinte.

O percurso metodológico iniciou-se com a leitura das 29 edições, cedidas pela colaboradora do jornal Elisabet Moreira à pesquisa Tempo, História & Memória dos Profissionais da Imprensa do Pólo Juazeiro-Ba e Petrolina-Pe (1901-1999)⁵, em desenvolvimento no Departamento de Ciências Humanas, da UNEB, situado no Campus III, Juazeiro-Ba. Mapeou-se os jornais conforme orientação metodológica dos autores Marialva Barbosa e Marcos Morel (2005), buscando sistematizar fontes escritas e organizar uma cronologia dos meios de comunicação em Petrolina, especificamente na imprensa escrita. Também se recorreu à análise de conteúdo como recomenda Tânia Regina de Luca (2005) dentro de um contexto histórico, buscando investigar as relações sociais e políticas.

Com o mapeamento das edições, fez-se o inventário do jornal, a partir dos títulos, colunas e os aspectos técnicos e buscou-se caracterizar o que era notícia no periódico. Para subsidiar a contextualização histórica no qual *O Sertão* esteve inserido e mapear a própria imprensa em Petrolina, utilizou-se do livro da radialista Marta Luz, *Histórico - Cultural: Petrolina - A terra dos impossíveis* (1995), e da obra do memorialista Antonio de Santana Padilha, *Petrolina no tempo, no espaço, na vez* (1982).

Como o jornal *O Pharol* foi o principal concorrente de *O Sertão*, foi utilizado o trabalho multimídia *O Pharol, Tempo, Imagem e Memória* (2008), de Jean Carlos Corrêa e Nomeriana Cavalcanti, para fazer a comparação acerca do jornalismo praticado por ambos os periódicos. Para finalizar, recorreu-se a outros artigos do projeto de pesquisa, para referenciar o contexto do surgimento dos jornais em Juazeiro, cidade vizinha.

1. Trajetória da Imprensa em Petrolina

Petrolina é uma cidade pernambucana de características peculiares, localizada à margem esquerda do Rio São Francisco, em uma região intitulada de Vale do São Francisco. Faz

⁴ Convencionou-se chamar de Nova República o período na história brasileira que se inicia com a eleição de Tancredo Neves e a posse de José Sarney.

⁵ Esta pesquisa recebeu o apoio da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), tendo como bolsistas Adzamara Amaral e Wllyssys Wolfgang, de Julho de 2009-Julho de 2010. Atualmente, a pesquisa não tem financiamento, mas conta com a colaboração de pesquisadores, entre eles o autor deste artigo, e já mapeou a existência de 215 profissionais de imprensa no período de 1901-1999. A coordenação da pesquisa ainda permanece com a professora Andréa Cristiana Santos.



divisa com Juazeiro, na Bahia, e possui vocação econômica para a agropecuária com ênfase na fruticultura irrigada.

Conhecida em seus primórdios como “Passagem por Joazeiro”, Petrolina, em 25 de abril de 1893, se tornou município autônomo, desligando-se do Município de Santa Maria da Boa Vista e, em 21 de setembro de 1895, ocorreu a instalação da cidade de Petrolina, data oficial de sua emancipação política.

Dois anos depois de se tornar cidade, no dia 1º de junho de 1897, surgiu em Petrolina o jornal *A Fênix*, dando início à imprensa no município, conforme consta no livro da radialista Marta Luz (1995, p.57)⁶. O jornal teve vida efêmera e não consta informação das notícias retratadas. Em 15 de novembro de 1912, foi lançado pelo Coronel João Clementino de Souza Barros o jornal *O Trabalho*. E em 13 de outubro de 1913, surgiu o semanário *O Comércio*, dirigido por João Batista de Aragão. Três anos depois, começaram a circular *O Popular*, de José Fernandes da Silva e Teso Santana; em 16 de junho de 1918, circulou *A Palavra*⁷, e em 15 de outubro de 1923, *O Alicate*, humorístico dirigido por J. Fernandes e Antônio Padilha, e em 1926, *A Tribuna*, por Francisco de Barro (PADILHA, 1982).

Contudo, o periódico mais importante e com maior periodicidade foi *O Pharol*, que se intitulava “Orgam noticioso e de interesses regionaes”, do estudante João Ferreira Gomes, lançado em 7 de setembro de 1915. Mais conhecido como Seu Joazinho do Pharol, João Ferreira Gomes é o grande patrono da imprensa petrolinense, pois foi tipógrafo e jornalista na maior parte do tempo até o dia em que o jornal deixou de circular, em 1989, após 74 anos de circulação. Sobre o jornal, Corrêa e Cavalcanti (2008) enfatiza que “as fontes de maior visibilidade no jornal eram os políticos, ‘coronéis’, magistrados, comerciantes, religiosos e pessoas da sociedade (médicos e professores, por exemplo)”. Todavia, diferente de *O Sertão*, *O Pharol* relatava acontecimentos sindicais, como em sua edição de 7 de setembro de 1939 que relatou a notícia “O Sindicalismo em Petrolina”.

Em 17 de junho de 1934, *O Pharol* publicou artigo intitulado “A antevisão maravilhosa de uma futura grande cidade industrial do Brasil” (Petrolina), de autoria do paulista professor Queiroz Telles do Instituto Biológico da Universidade de São Paulo,

⁶ Este livro foi utilizado para catalogar cronologicamente a imprensa em Petrolina, bem como o livro de Antonio de Santana Padilha (1982).

⁷ Na pesquisa bibliográfica, surgiu um dado controverso acerca do fundador do jornal. Há referência de ser Raul Santana ou Raimundo Santana.



demonstrando que o jornal trazia visões externas acerca da realidade local, além de noticiar acontecimentos de relevância nacional e internacional.

Na trajetória da imprensa, destaca-se, em 21 de agosto de 1943, a instalação do Serviço de Alto falante de Petrolina (SAP), empreendido pela Diocese na pessoa de Dom Idílio. O SAP revelou a primeira locutora petrolinense, Joselita de Souza Mangabeira, a primeira mulher a exercer a função de locutora na *Emissora Rural A Voz do São Francisco*, em 1962.

Fundada por Dom Antônio Campelo Aragão em 28 de outubro de 1962, a *Emissora Rural* foi criada com o objetivo de difundir a evangelização e o humanismo. No histórico da emissora, são relatadas as dificuldades enfrentadas, principalmente no período do golpe militar, onde havia muita pressão devido a veiculação do programa do Movimento de Educação de Base (aulas através do rádio), com professoras e monitoras espalhadas por toda a região. O programa foi veiculado durante cinco anos, e tinha como meta ensinar ao homem do interior a ler e a escrever.

Petrolina viveu neste período uma efervescência cultural, celebridades do mundo artístico utilizaram as ondas da *Emissora Rural* para apresentar os seus trabalhos, dentre eles destacam-se: Luiz Gonzaga, Roberto Carlos, Caubi Peixoto, Altemar Dutra, o teatrólogo Plínio Marcos, Claudionor Germano e Nelson Ferreira.

Ainda dentro do contexto do jornalismo escrito, surgiu em 6 de junho de 1949 o jornal *Cristo Rei*, publicado pela Diocese e fundado por Dom Avelar Brandão Vilela. Eram articulistas o Padre Honório Rocha, Hermano Barros, Padre Gilberto Lopes e o fundador de *O Sertão*, Cid Carvalho. Com a iniciativa do Serviço de Alto falante, o jornal *Cristo Rei* e a *Emissora Rural*, a Igreja Católica já demonstra forte presença nos meios de comunicação local.

O jornalismo social também se fez presente na trajetória da imprensa. Em 31 de maio de 1968, foi lançada a revista *Com Você*, Crônica Social de Inah Torres. Em 23 de abril de 1979, é lançado o jornal *Folha de Petrolina*, em 1979; *O Tribuna do Sertão*, em 28 de abril de 1979. No dia 8 de agosto de 1981, surgiu o semanário *Jornal de Petrolina*, de Antonio Carlos Moura, que se destacou por trazer algumas notícias críticas sobre a política na região. Percebe-se, em um curto período de tempo, uma profusão de jornais, decorrente do próprio processo de construção política dos cidadãos e das empresas jornalísticas no período de transição entre o final do regime militar e a caminhada lenta e gradual para a redemocratização.



Em 8 de fevereiro de 1985, ressurgiu o jornal *O Sertão*, objeto de estudo deste artigo, e lançado anteriormente em 1949. O jornal dessa vez é comandado por Luciano Barbosa. No dia 4 de janeiro de 1991, é lançado o jornal *O Tempo*, e em 19 de janeiro de 1993, morre o jornalista João Ferreira Gomes, fundador de *O Pharol*. Em 1997, surge o jornal *Gazeta do São Francisco*, que até hoje circula na cidade, de propriedade de Eudes Celestino.

2. Personagem da imprensa petrolinense: Cid Carvalho

Filho de Antônio Teodoro de Carvalho e Maria Vitória Lopes de Almeida, Cid Almeida Carvalho nasceu em 25 de agosto de 1904 na cidade de Remanso, Bahia. Estudou as primeiras letras na escola pública estadual, onde cursou o 1º grau, o atual ensino fundamental. Foi ainda em Remanso que Cid já demonstrava aptidão com o jornalismo, quando iniciou a aprendizagem da arte gráfica, nas oficinas do jornal semanário *Correio do Remanso*.

Em 1923, mudou-se para Juazeiro, extremo norte da Bahia, trabalhou no jornal *O Direito* e foi diretor do jornal *O Eco*, ambos extintos. No ano seguinte, mudou-se para Petrolina, sertão pernambucano. E, antes de fundar o seu periódico, Cid foi admitido como tipógrafo no jornal *O Pharol* do jornalista João Ferreira Gomes, onde exerceu a função por 14 anos, o que o levou a se tornar sócio efetivo da Associação de Imprensa de Pernambuco (AIP). Ainda dentro do jornal *O Pharol*, assumiu de 1937 a 1944, o cargo de Redator-secretário.

Casa-se com Perolina Lino de Souza Carvalho em 1930, e cinco anos depois fundou a União dos Artífices Petrolinenses, entidade assistencial e cultural, cuja Comissão Executiva foi Presidente de 1935 até 1999. Funda em 1948 a Associação Petrolinense de Amparo a Maternidade e a Infância (APAMI), na qual exerceu por oito anos a função de primeiro secretário da Diretoria.

Depois de várias experiências na imprensa em Remanso, Juazeiro e Petrolina, Cid Carvalho lançou em 11 de dezembro de 1949, o jornal *O Sertão*. De circulação semanal e impresso na Gráfica Petrolina, de sua propriedade, o projeto tornou-se viável porque obteve apoio financeiro do comerciante local, Clementino de Souza Coelho. O jornal circulou ininterruptamente até 8 de maio de 1972, sob sua direção.

Cid Carvalho foi homem de imprensa, mas também das letras, da política, do ativismo social e cultural. Ganhou vários prêmios de honra ao mérito e ainda transitou pela



literatura histórica, onde escreveu “Robustecendo a História – Petrolina entre a Riba portentosa do São Francisco e os contrafortes gigantes do Araripe”, por ocasião do centenário de Petrolina em 21 de setembro de 1995.

Publicou 14 livros de poesia: “Lampejos do Ocaso”, “Solfejos ao Vento”, “Roteiro do Ignato”, “Beiral do Infinito”, “Limiar da Noite”, “Intervalo de Estrelas”, “Caminho Iluminado”, “Aos Impulsos do Tempo”, “Final de Caminhada”, “Aos Ímpetos da Poesia”, “Prelúdios de Amor”, “Eventos Imprevisíveis”, “Oásis da Imaginação” e “Na Última Curva”.

Em sua trajetória, foi assessor de imprensa e relações públicas da prefeitura de Petrolina e delegado da Associação da Imprensa de Pernambuco (AIP). Foi eleito vereador em 1951. Em 2000, Cid Carvalho foi homenageado pela AIP por suas sete décadas dedicadas ao jornalismo. Morreu dois anos depois, em 31 de janeiro de 2002 de insuficiência respiratória, com 97 anos. O homem que media menos de 1,50 metros de altura se revelara um gigante. Escrevia à mão para seu jornal, e somente depois de muitos anos, veio a utilizar a velha e pequena Olivetti que mantinha impecavelmente limpa.

Embora tenha desenvolvido funções tão distintas como primeiro suplente de delegado de polícia, advogado dos presos pobres, adjunto de promotor público, suplente de juiz de direito e vereador em três legislaturas, parece ter sido nas letras que Cid Carvalho mais se realizou, especificamente com o jornalismo.

3. O Sertão na imprensa de Petrolina

Em sua nova fase iniciada em 1985, já sob a direção de Luciano Barbosa, *O Sertão* surgiu com novo planejamento gráfico e equipe profissional, sendo Cid Carvalho reverenciado como fundador⁸. Comparando a capa da última edição que o circulou em 1972 e a primeira edição da nova fase, percebe-se a evolução gráfica neste período. Na fase anterior, o jornal utilizava ilustração, agora dispõe de fotografias, além de o *layout* apresentar manchetes, intertítulos e infográficos. É inovador neste sentido. O jornal ressurgiu com características semelhantes aos jornais atuais, chamadas com fontes em destaque e disposição harmônica de texto e fotografia.

⁸ Procurou-se saber qual foi a última edição do jornal, porém não foi possível, devido o proprietário Luciano Barbosa ter morrido e ainda não pudemos encontrar a família para poder ter informações. Além disso, o setor de jornais do museu da cidade de Petrolina está passando por reformas.



Na primeira edição de *O Sertão* já se comprova a influência econômica, política, social e editorial da família Coelho sobre o periódico, há publicidade de empresas dirigidas por membros da família e notícias de política exaltando a herança familiar. Essa influência do patriarcado Coelho⁹ nos meios de comunicação se iniciou com a fundação de *O Trabalho*, em 1912, *O Sertão*, em 1945, e a implantação das emissoras *Grande Rio Am e Fm*, e, posteriormente, com a criação da *TV Grande Rio*, em 1º de junho de 1991, afiliada à Rede Globo e marco para o desenvolvimento dos meios de comunicação em Petrolina.

Na edição de relançamento de *O Sertão*, em 8 de fevereiro de 1985, verificou-se um *fac-símile* de uma edição que circulara em 1972, em que se comprova que o diretor responsável era Geraldo de Souza Coelho, empresário e que exerceu cargos políticos como prefeito, deputado estadual e federal.

Na edição do ano de 1972, o jornal se intitulava como “Órgão noticioso e cultural”. Com a nova fase, surgiu como “um órgão vibrante, adulto, verdadeiro”. Percebe-se, portanto, o tom ufanista que caracteriza o jornal em relação à política local e à cidade de Petrolina. Ao anunciar a sua chegada, faz referência ao último ano em que circulou *O Sertão*:

“A ausência desses 13 anos não conseguiu reprimir o desejo de voltar. Hoje, *O Sertão* está de volta. Moderno, vibrante, adulto, verdadeiro. Estamos chegando. Desta vez para ficar. Dispostos para contar a história de um novo tempo.”

O periódico, com sua linha editorial específica, cumpriu seu propósito de contar a história de seu tempo, como se comprova nas suas 29 edições, publicadas de 8 de fevereiro a 25 de dezembro de 1985. Em média, o periódico circulou com oito a 16 páginas.

O jornal é eminentemente político, no entanto, abordou também o desenvolvimentismo presente no Vale do São Francisco, com especial ênfase para Petrolina. Notícias sobre irrigação e agricultura eram constantes devido à cidade ser um pólo de fruticultura irrigada.

Na edição do dia 19 de março de 1985, a página de opinião trazia manchetes como “Racionalização do Crédito Agrícola”, de autoria de Valdenor Ramos, economista e

⁹ O patriarca da família o Cel Clementino de Souza Coelho (Quelé), descendente por casamento, de tradicionais núcleos familiares Souza e Coelho, tornou-se a maior personalidade de influência política e econômica. Posteriormente, seus filhos também perpetuaram a hegemonia política e econômica, inclusive nos meios impresso, radiofônico e televisivo. (CHILCOTE, 1991, 81).



professor universitário, e em 4 de abril de 1985, o autor volta a temática, discutindo: “Racionalização do Crédito Rural”; além de trazer a notícia “Crédito Rural: BNB volta a operar”. O assunto, tanto nos textos de opinião como nas notícias, mostrava como era possível conseguir crédito e financiamento para empreender a irrigação em ascensão no Vale do São Francisco.

O jornal também procurava divulgar os acontecimentos da esfera educacional como na manchete da edição de 19 de julho de 1985: “Famesf pode ser extinta”. A notícia dizia que a Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco, hoje ligada a Universidade do Estado da Bahia, poderia desaparecer para dar lugar a um centro somente de pesquisas, o que não se concretizou, já que, em 2010, a Famesf completou 50 anos e é referência em formação de agrônomos e em pesquisa de ponta na área de agronomia.

Os anúncios publicitários no jornal eram, em sua maioria, de órgãos públicos oficiais como Prefeituras de Juazeiro e Petrolina, Governo de Pernambuco e Bancos Estatais, além de empresas ligadas a membros da família Coelho.

Nas primeiras edições, o jornal *O Sertão* exaltou os feitos da família Coelho. Esta afirmação se evidencia, quando em uma das manchetes de capa da edição nº 1 de 8 de fevereiro, afirmava: “Prefeito diz o que fez por Petrolina”, referindo-se a uma coletiva do prefeito Augusto Coelho aos meios de comunicação, como *Emissora Rural*, o jornal *O Pharol*, rádio *Grande Rio*, além de *O Sertão*. O texto se aproxima do formato dos releases de assessoria atuais enviados pela administração. Identifica-se o tom oficioso, o engrandecimento dos feitos da prefeitura e as promessas do que a administração pública poderia vir a fazer.

De orientação política definida e com posicionamento liberal não se vê em *O Sertão* a efetiva participação de populares, existe um silenciamento sobre movimentos sociais e não há presença de fontes ligadas ao sindicalismo nas edições analisadas. O jornal parecia não abordar aspectos do jornalismo cidadão nem conceder espaço às vozes das classes trabalhadoras, justamente porque os definidores primários (fontes com alianças com o poder político e econômico local) exerciam poder sobre os *gatekeepers* e influenciavam a linha editorial.

Realizando o inventário do periódico, pode-se ler que, na página três das edições analisadas, havia geralmente a Coluna *Assino Embaixo*, escrita por Luciano Barbosa, o Editorial e dois artigos assinados. Neste sentido, *O Sertão* foi pioneiro em trazer diversas visões nos artigos, já que, no período esta prática não era presente nos periódicos do início do século, que circularam na região.



No entanto, apresentava discurso conservador como é demonstrado em uma nota da Coluna *Assino Embaixo* de 19 de julho de 1985:

“Proliferação de Partidos, O Brasil que já passou muito tempo apenas com dois partidos políticos, já conta com 23 e, segundo se propala terá brevemente o 24°. Como existe o PC e o PC do B, é possível que surja o PC do Gay, abrigando muitas “bonecas”, inclusive sertanejas...”

Luciano veiculava uma visão pejorativa dos partidos comunistas como demonstra o texto. Nesta nota da coluna, percebe-se um olhar conservador do autor sobre a discussão de gênero, associando os partidos comunistas a partidos de forte influência gay e denotando uma carga preconceituosa, tanto política quanto de orientação sexual.

Em meio ao tom oficioso que caracterizava o jornal, destaca-se a coluna *Letras e Artes*, assinada por Elisabet Gonçalves Moreira, professora universitária e militante do movimento feminista à época. A coluna se propunha a discutir a literatura, como anunciou a própria colunista na primeira edição:

“(...) tem a intenção de despir-se de falsos ornamentos, de cantadas bajulativas, de coerções, mesmo nesse difícil campo da arte. A intenção, essa sim, de uma linguagem democrática, procurando no bom senso e nos limites do artístico os critérios de seleção (deveria tê-los?) para bem informar.”

Ao lado da coluna *Letras e Artes*, Maria Therezza assinava a coluna *Socialit*, um espelho da sociedade petrolinense mais abastada. O futebol aparece modestamente no jornal, geralmente na última página, dividindo seu espaço com notícias de cunho policial. Embora tenha se proposto a ser um jornal perene, *O Sertão* não conseguiu cumprir seu objetivo de ‘chegar para ficar’, e foi extinto. Hoje, os únicos jornais que circulam na cidade são *Gazzeta do São Francisco*, criado em 1997, e *Folha do São Francisco*, lançado recentemente. Durante o período da pesquisa não se conseguiu obter dados que evidenciem quando o jornal circulou pela última vez.

4. A Nova República em *O Sertão*

O contexto em que *O Sertão* está inserido é peculiar. O país acabara de sair de uma ditadura militar de 21 anos e o processo de redemocratização era lento, gradual e restrito, como defendeu Ernesto Geisel, em 1976. No final dos anos 1970, os segmentos sociais começaram a reivindicar maior liberdade política e surgiram os movimentos



sociais e populares como as greves dos trabalhadores na região do ABC e em todo o país. Na década de 1980, o sonho de maior liberdade ressurgiu com as manifestações para que o Congresso Nacional aprovasse a Emenda Constitucional Dante Oliveira, mais conhecida como movimento pelas Diretas Já!, que permaneceu como esperança inconclusa, já que os brasileiros não puderam eleger o presidente do país através do voto direto.

Em 15 de Janeiro de 1985, por votação no Colégio Eleitoral foi eleito o mineiro Tancredo Neves, tendo como vice-presidente José Sarney. As grandes manifestações de rua que tomaram o país, inclusive nas cidades de Juazeiro-Ba e Petrolina-Pe, pedindo o voto direto para presidente da República deixaram de existir. Porém, o povo esperava uma Assembleia Constituinte, que pudesse fazer renascer o sonho de um país democrático e com garantia da soberania popular.

Sob os ombros do novo presidente, pesava a responsabilidade de realizar a transição política. Esse clima de expectativa quanto ao novo destino do país era anunciado pelo jornal, como evidenciou a manchete da edição nº 3 de 19 de março de 1985, “E chegou a Nova República!”. A notícia tomou grande parte da capa daquela semana, com um texto bastante adjetivado, no tributo aos novos tempos.

O *Sertão* trazia trechos do discurso do presidente em exercício, José Sarney, já que Tancredo Neves estava doente (o jornal fala em faringite) e não pode participar da sessão solene no plenário da Câmara de transmissão do cargo. Na notícia, o discurso jornalístico era de elogios à trajetória de Sarney, como homem das letras e da política, e afirmava que o país estava em boas mãos na ausência de Tancredo, presumindo a sua morte iminente, já que Sarney poderia imprimir uma nova dinâmica na presidência, segundo o discurso jornalístico.

Embora o jornal tivesse uma linha editorial alinhada com o poder político e econômico dos Coelhos, como se pode apreender dos textos jornalísticos analisados, o leitor, na sessão de opinião, poderia ter acesso a um discurso mais polifônico e que representasse um contraponto crítico. Sobre a transição política pelo qual o país passava, o articulista de *O Sertão*, Juarez Farias, chefe de jornalismo da *Emissora Rural* no período, escreveu a coluna “O Filho Branco de Pais Negros”, na edição Nº 1 de 8 de fevereiro, no qual relatou a sua descrença em relação à postura democrática de Tancredo Neves, e ironizava as tramas do poder que levaram o político mineiro a ganhar no Colégio Eleitoral frente à disputa com o conservador Paulo Maluf:



O povo invadiu o colégio; a oposição falou alto; o rádio e a televisão deitaram e rolaram mostrando tudo; o presidente operou-se e assistiu tudo no quarto de um hospital; a política garantiu a segurança do povo; José Sarney (imaginem) foi vice da oposição; os generais suspiraram e nasceu o filho louiro e vistoso do pai mais negro da história república: Tancredo Neves. O "garoto", no primeiro choro, para os "coleguinhas" do acidente não zombarem d'ele na escola, matou logo o "negão" e para os filhos e netos contará apenas remotas historinhas do seu incomodo antecessor .

De forma irônica, Juarez Farias compara Tancredo¹⁰ “ao filho louiro” incorporando simbolicamente o povo, representado pelo “negão”, mas que poderia matar as esperanças do povo em ter um governo democrático. Talvez, a preocupação de Juarez Farias seria com a previsão de que José Sarney pudesse ser o novo presidente, o que acabou ocorrendo em 14 de março, com a morte de Tancredo Neves, vítima, oficialmente, de diverticulite.

Na coluna, o articulista fez uma crítica a José Sarney, que foi eleito como representante da oposição e recebeu apoio do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), que abrigava na ala da Tendência Popular partidários do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e Partido Comunista Brasileiro (PCB), ambos ainda clandestinos segundo a legislação eleitoral.

É neste cenário de surgimento de novos partidos e os clandestinos lutando pela legalização, a exemplo do PC do B e PCB, que o jornal também vai anunciar a reorganização partidária. Sobre isso *O Sertão* traz também em sua edição Nº 1, a notícia:

O deputado Roberto Freire disse que a legalização do Partido Comunista Brasileiro não é apenas uma aspiração de determinados segmentos políticos do País, mas uma exigência do momento histórico que vive hoje o Brasil. Ele disse que os comunistas querem participar de forma clara e disputar mandatos eletivos “às claras, sem nenhum temor ou preconceito.

Ainda sobre a temática da organização partidária, a edição de 19 de agosto de 1985 anuncia: “As esquerdas no interior”. A notícia abordou a configuração política que, naquele período, discutia a legalização dos partidos comunistas ou a permanência de militantes nos partidos, agora, governistas, como o PMDB:

¹⁰ Tancredo Neves iniciou a carreira política no Partido Social Democrático (PSD), em 1945, exerceu diversos cargos políticos e, durante o regime militar, se alinhou com o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), sendo eleito deputado federal em 1966, 1970 e 1974. Embora estando na bancada oposicionista, manteve boas relações com os governos militares.



Em Petrolina o vereador Júlio Torres tem passado de ligações com o MR-8, que não se configura como partido, mas é uma tendência de esquerda responsável por lutas armadas no tempo mais negro da repressão que se desencadeou no país após o golpe de 1964. Júlio prefere seguir seus companheiros do Recife que, mesmo assumidos como célula do MR-8, ficam no PMDB e ao lado da ala moderada de Sérgio Murilo coligados agora com o governador Roberto Magalhães.

A matéria finalizava dizendo que era só uma questão de tempo para que militantes assumissem a organização dos partidos comunistas em Juazeiro e Petrolina, como era desejo de alguns, embora outros pudessem ir para outras correntes partidárias.

Embora o jornal trouxesse notícias sobre os partidos de esquerda que procuram atuar no país, as notícias eram episódicas e circunstanciais, ora também reproduzindo posicionamento conservador. Foi verificado que a linha editorial priorizava, na maior parte, o discurso de deputados alinhados com as elites políticas petrolinenses, que buscavam apoio para os projetos econômicos na região.

Na edição de 6 de março de 1985, o jornal publicou notícia com o título: “Fernando Bezerra adverte: A Nova República não poderá incorrer em equívocos e pecados do passado recente”, em que definia.

A prioridade para o Nordeste há que ser real e concreta. Para retórica e promessa já não existe lugar no Novo Nordeste que surgiu das urnas livres de 1982 e que se afirmou e se agigantou no dia 15 de janeiro de 1985 (eleição de Tancredo Neves para a Presidência da República).

Sendo assim, o jornal também cumpria um ideal de disseminar as notícias econômicas e os jogos pelo poder para garantir a hegemonia do Nordeste e de Petrolina-Pe no debate político.

Mas, conforme objetivo deste artigo, foi verificado que, durante o ano de 1985, o jornal assumiu o desafio de agendar a temática dos movimentos políticos e sociais que apoiavam a redemocratização, pois afetava a vida dos brasileiros e todos queriam participar desse momento marcante. Com a imprensa, não foi diferente. A Associação Baiana de Imprensa realizou em Juazeiro um seminário com o tema: “A Imprensa e a Nova República”, para discutir a liberdade de imprensa. Sobre isso, o jornal, na edição de 21 de setembro de 1985, defendeu: “a partir da reformulação constitucional do nosso país, a Imprensa será realmente fortalecida, libertando-se de uma legislação, ainda em vigor que castra sua atuação”.

Já na edição seguinte, de nº 16 de 25 de setembro de 1985, trouxe uma proposta interessante. Diversas personalidades do universo político, artístico, cultural, esportivo e intelectual opinavam sobre a Assembleia Constituinte. Sob o título de “A Nova Constituição em debate”, o presidente do PT, Luiz Inácio Lula da Silva afirmava:

(...) De qualquer forma, acho que a Constituinte não pode, em nenhum momento, ser encarada fora dos problemas sociais, porque senão teremos uma Constituição liberal e o povo continuará desempregado, passando fome, sem condições educacionais adequadas e sem melhor qualidade de vida.

Com isso, o jornal também anunciava as dificuldades de governar o país. Na edição de 6 de novembro, a capa trazia uma declaração do presidente José Sarney: “Não posso ser mágico”. Para manter o tom conciliador e ufanista com o novo governo, o jornal finaliza o texto com a afirmação do presidente: “Graças a Deus o Brasil está nos trilhos. O País vai dar certo”.

O espírito de esperança que parecia contaminar o editor do jornal também esteve presente durante a visita do presidente José Sarney à Petrolina. Na edição de 26 de junho de 1985, o jornal publicou em uma página - quase completa - o discurso de Sarney, com promessas de investir em projetos de irrigação, como modo de potencializar o desenvolvimento na região:

O Presidente José Sarney esteve em Petrolina em visita de trabalho, onde conheceu projetos de irrigação, visitou as duas cidades [Juazeiro e Petrolina] e conheceu a Embrapa onde depois de ouvir atentamente o presidente daquela empresa, pediu para falar e, para entusiasmo dos assistentes, prometeu irrigar um milhão de hectares no nordeste, ainda no seu governo.

As relações de poder entre oligarquias estaduais, regionais e de visibilidade nacional ficam perceptíveis de acordo com o tratamento dado pelo *O Sertão* ao Presidente Sarney e com políticos oriundos da família Coelho, demonstrando alinhamento político.

Contudo, serão nos artigos de opinião que será dada visibilidade à pluralidade política que existia na esfera pública. Na coluna “A Reza da Mudança”, de 22 de abril de 1985, Antonio Carmo, economista e professor universitário, demonstrou certa descrença acerca desse novo momento pelo qual o país passava, o qual não poderia repetir os erros antigos, como corrupção e falta de compromisso com a nação:

Dir-se-ia que quem aguardou vinte anos, pode esperar alguns dias, decerto que sim. Conforme o poeta Edson Régis, a pressa aniquila o



verso. Agora, por conta disto, o que se não deve permitir é a repetição das práticas, contra as quais se exigiu o advento da Nova República. Será que não se permitirá isto? Há quem não ponha a mão no fogo, assegura o mestre Povo.

Mais uma vez, são os articulistas do jornal que vão tornar público para os cidadãos petrolinenses os momentos de crise política. No artigo assinado por Juarez Farias, de 25 de dezembro de 1985, ele anunciava a “A Pedra no Caminho da Nova República em 1986”. A pedra ao qual o articulista se referia era a economia. A inflação aumentava a cada dia, os índices de desemprego alarmantes, preços sem controle e a incerteza de estabilidade política. Dessa forma, o jornal tornou público alguns dos acontecimentos mais relevantes que se tornaram notícias no país e na região.

Considerações finais

No decorrer deste estudo, comprovou-se a relação de *O Sertão* com as forças políticas locais, principalmente a família Coelho, em que as tramas pelo poder envolvendo a direção do jornal, os segmentos econômicos e os políticos podiam ficar evidentes para o leitor. No entanto, os artigos de opinião ali apresentados faziam o contraponto jornalístico, no sentido de que eles demonstravam capacidade de analisar os fatos criticamente, exercendo um jornalismo interpretativo, principalmente nos artigos cuja temática era a Nova República.

O país, que vivera 21 anos sob ditadura militar, agora começava o seu processo de redemocratização, de abertura política. Nesse sentido, embora demonstrando alianças com as forças políticas hegemônicas na cidade, *O Sertão* foi fundamental na história da imprensa em Petrolina por relatar o que ocorria no país sempre com abordagem local e regional. O jornal constituiu-se um documento histórico para que a memória do país e a local não se perdesse.



REFERÊNCIAS

AMARAL, Adzamara; SANTANA, Daniel. SANTOS, Andréa Cristiana. **Apontamentos sobre a história do jornalismo regional: estudo de caso sobre O Juazeiro**. Texto apresentado no XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Campina Grande – PB – 10 a 12 de Junho de 2010.

BARBOSA, Marialva; MOREL, Marcos. **História da imprensa no Brasil**. Metodologia. Disponível em www.redealcar.ufsc.br, acesso em 05 de maio de 2009.

CAVALCANTI, Nomeriana; CORRÊA, Jean Carlos. **O Pharol – Tempo, Imagem e Memória**. Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social. Produto Midiático (CD-Rom), Juazeiro – Bahia, 10 de junho de 2008.

CASTRO, Lidmillie; SÁ, Verusa; SANTOS, Andrea Cristiana. **Restrição à Liberdade de Imprensa em Juazeiro**. Texto publicados nos anos Anais do VI Encontro de Historia da Mídia, em São Luis do Maranhão, 2005.

CHILCOTE, Ronald. **Transição capitalista e a classe dominante no Nordeste**. São Paulo. T.A. Queiroz. Editora da Universidade de São Paulo, 1990.

LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla. **Fontes Históricas**: São Paulo: Contexto, 2005, p. 11-153.

PADILHA, Antonio de Santana. **Petrolina no tempo no espaço, na vez**. Recife, FIAM/Centro de Estudos de História Municipal, 1982.

LUZ, Marta. **Cronologia Histórico Cultural: Petrolina – “A terra dos impossíveis”**. Petrolina. Prefeitura Municipal de Petrolina, 1995.

SANTOS, Andréa. **Mapeamento histórico dos profissionais da imprensa de Juazeiro-Ba (1901-1999)**. Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, no Intercom Nordeste, Maceió, de 15 a 17 de Junho de 2011.